CAPÍTULO UM

Dezembro

Ela já estava dentro do elevador quando ele entrou. Ele acenou-lhe com a cabeça e virou-se para fechar a grade de ferro com um baque. Estavam num edifício que tinha sido uma antiga fábrica em Tribeca, onde, de vez em quando, os elevadores de carga ainda funcionavam. Estavam apenas os dois, lado a lado, virados para a frente, enquanto o mecanismo gemia em movimento. Para lá do metal, do outro lado do portão, observavam as paredes de cimento do edifício a deslizar.

— O que é que vens buscar? — Ele dirigiu-se a ela a olhar para o ar à sua frente, sem se virar.

— Desculpa?

— Mandaram-me ir buscar gelo — disse ele. — Do que é que precisas?

— Oh, de nada. Estou a ir para casa.

— Às dez e meia na véspera de Ano Novo? Isso é a coisa mais triste ou a mais sábia que alguma vez ouvi.

— Vamos fazer-me a vontade e dizer que é a coisa mais sábia — disse ela.

Ele riu-se generosamente, embora ela não tenha sentido que tivesse sido particularmente astuta.

— Britânica? — perguntou ele.

— Londres.

— A tua voz soa como se estivesses a morder uma maçã *Granny Smith*.

Agora ela riu-se, com menos desdém.

— A que é que te soa?

— Numa palavra? A frescura.

— Diferente de morder uma *Pink Lady* ou uma *Golden Delicious*?

— Conhecedora das suas maçãs — ele acenou-lhe respeitosamente. — Mas é uma insanidade sugerir que a tua voz se assemelhe a uma *Golden Delicious*. Isso é para um sotaque do *Midwest*.

Chegaram ao rés do chão com um baque suave. Ele abriu a porta para que ela passasse.

— És um homem estranho — disse ela por cima do ombro.

— Inegavelmente — ele ultrapassou-a para abrir a porta do edifício. — Acompanhas este homem estranho até à loja de conveniência? Só preciso de te ouvir dizer mais algumas palavras.

— Mm, como por exemplo?

— Como *aluminum*.

— Queres dizer *aluminium*[1]?

— Ah, aí está ela! — Ele levou as mãos aos ouvidos em sinal de prazer. — Aquela sílaba extra. *A-luh-mi-nee-uhm*. Desarma-me.

Ela tentou mandar um olhar cético, mas estava a divertir-se, e ele percebeu isso.

— Ficas facilmente desarmado — disse ela.

Ele surpreendeu-a ao parar para considerar tal observação com genuína seriedade.

— Não — disse ele de seguida. — De todo.

Estavam na rua. Do outro lado havia uma loja a vender letreiros de *néon* que banhavam o passeio com salpicos de amarelo, rosa e azul. MILLER LITE. LIVE NUDES. TINGIMOS O QUE FOR PRECISO.

— Onde fica? — perguntou ela. — Preciso de mais alguns cigarros.

— A cerca de dois quarteirões naquela direção. — Ele apontou para leste. — Quantos anos tens?

— Vinte e quatro. Tenho idade suficiente para fumar, se estás a pensar em dizer-me para não o fazer.

— Tens a idade perfeita para fumar — disse ele. — O tempo apropriado para corrigir e satisfazer. Não é o poema do Larkin que fala sobre isso?

[1] Americanos e britânicos dizem a palavra «alumínio» de forma diferente (*N. da. R.*).

— Oh, não cites poesia. Podes desarmar-me acidentalmente.

— *«Eu canto o corpo elétrico»* — recitou ele. — *«Os exércitos daqueles que amo estão à minha volta e eu em torno deles!»*

— Sha-la-la-la! Não te vou ouvir!

Ela pressionou os ouvidos com as palmas das mãos e saltou à sua frente pela rua. Um carro a tocar uma música *pop* jubilosa. Ele apressou-se para a acompanhar no sinal, e com cautela, ela tirou as mãos da cabeça. Estava a usar luvas de criança de cabedal cor-de-rosa. As suas bochechas também estavam cor-de-rosa.

— Não te preocupes, é tudo o que me lembro — disse ele. — Estás a salvo.

— É impressionante que te lembres de alguma coisa.

— Sou mais velho do que tu. A minha geração teve de memorizar estas coisas na escola.

— Quão velho?

— Mais velho. Qual é o teu nome?

— Cleo — disse Cleo.

Ele acenou com a cabeça.

— Apropriado.

— Como assim?

— Cleópatra, a ruína original dos homens.

— Mas eu sou apenas Cleo. Qual é o teu nome?

— Frank — disse Frank.

— Diminutivo de?

— Diminutivo de nada. Que raio de nome teria Frank como abreviatura?

— Não sei — Cleo sorriu. — Frankfurter, Frankincense, Frankenstein…

— Frankenstein soa bem. Criador de monstros.

— Tu crias monstros?

— Mais ou menos — disse Frank. — Crio anúncios.

— Eu tinha a certeza de que tu eras escritor — disse ela.

— Porquê?

— Refrescante— disse Cleo, levantando uma sobrancelha.

— Eu abri uma agência — disse Frank. — Nós somos o lugar para onde vão os escritores que falham no mundo da escrita.

Caminharam até encontrarem a loja de conveniência a brilhar na esquina, rodeada de baldes de rosas e cravos espumosos. Frank abriu-lhe a porta e ouviu-se um *jingle*. Na brilhante fluorescência do interior da loja eles entreolharam-se abertamente pela primeira vez.

Frank estava, segundo ela, no final dos seus trinta anos ou início dos quarenta. Olhos bondosos, foi o seu primeiro pensamento. Enrugavam-se automaticamente à medida que se encontravam com os dela. Pestanas longas e emplumadas que se encostavam às lentes dos seus óculos, dando uma suavidade surpreendente ao seu aspeto angular. Cabelo encaracolado e escuro, ágil como a lã de um carneiro, ficando mais fino na parte de cima. Agora, ao sentir os olhos dela em si, ele passou a mão pelo cabelo de forma autoconsciente. A pele na parte de trás da mão e do rosto estava coberta de sardas, e ainda bronzeada, apesar de ser inverno. Combinava com o seu lenço de caxemira acastanhado, enfiado num sobretudo bem costurado. Ele tinha a leve e enérgica constituição de um bailarino reformado, um corpo que sugeria economia e inteligência. Cleo sorriu em sinal de aprovação.

Ele sorriu de volta. Como a maioria das pessoas, ele reparou primeiro no cabelo dela. Suspenso sobre os ombros como duas cortinas douradas, abertas para revelar aquele primeiro ato muito antecipado: o seu rosto. Era como uma peça de teatro, o rosto dela. Sentiu instintivamente que podia olhar para ele durante horas. Ela tinha desenhado umas asas pretas grossas sobre as pálpebras, ao estilo dos anos 1960, terminando cada movimento com uma pequena estrela dourada. As bochechas estavam também polvilhadas com algo cintilante e dourado; ela brilhava como champanhe na luz. Um pesado casaco de pele de ovelha envolvia-a, emparelhado com as luvas de criança cor-de-rosa que ele tinha notado anteriormente e com uma boina de lã branca. Nos seus pés estavam botas de *cowboy* cremes bordadas. Tudo nela ela era propositado. Frank, que tinha passado grande parte da sua vida rodeado de pessoas bonitas, nunca tinha conhecido ninguém que se parecesse com ela.

Envergonhada com a franqueza do seu olhar, Cleo virou-se para examinar uma prateleira cheia, inoportunamente, com latas de comida de gato. Estava a usar demasiada maquilhagem, temia, e parecia uma palhaça à luz.

— Meu irmão — disse Frank ao homem que estava atrás do balcão. — Feliz Ano Novo.

O homem tirou os olhos do jornal, onde estava a ler sobre sanções do governo ao seu país. Ele perguntou-se o que levava este homem branco a pensar que eram irmãos, e depois sorriu.

— Igualmente para si — disse ele.

— Onde está o gelo?

— Não temos gelo — ele encolheu os ombros.

— Que tipo de loja de conveniência é que não vende gelo?

— Esta aqui — disse o homem.

Frank levantou as suas mãos como sinal de renúncia.

— *Okay*, sem gelo. — Ele virou-se para Cleo. — Queres os teus cigarros?

Cleo tinha estado a verificar os preços dos cigarros na prateleira. Tirou a carteira, que, observou Frank, não era realmente uma carteira, mas uma bolsa de veludo recheada com papéis e invólucros. Os dedos compridos foram apanhados pelo seu conteúdo.

— Sabes que mais? — disse ela. — Tenho aqui algumas mortalhas. Vou só comprar um pacote de tabaco de enrolar. Um pequeno. Quanto é que fica?

Frank observou toda a postura do homem a relaxar para a frente enquanto ela se dirigia a ele. Foi como ver a frente de um glaciar de gelo a dissolver-se no mar; ele derreteu.

— Menina linda — murmurou ele. — Quanto é que queres pagar?

Um rubor vermelho estava a subir-lhe pelo pescoço até ao queixo.

— Deixa que eu pago — disse Frank, batendo com o cartão de crédito na mesa. — E… — Ele pegou numa barra de chocolate de leite. — Isto também. No caso de ficares com fome.

Cleo devolveu-lhe um olhar agradecido, mas não hesitou.

— Um maço de *Capris*, por favor — disse ela. — O magenta.

Lá fora, Cleo observou a rua de cima a baixo.

— Tu nunca vais apanhar um táxi hoje à noite — disse Frank. — Onde é que moras?

— East Village — disse ela. — Perto de Tompkins Square Park. Mas eu vou a pé, não é muito longe.

— Eu vou a pé contigo — disse ele.

— Não, não venhas — protestou ela. — É muito longe.

— Pensava que não era longe.

— Vais perder a contagem decrescente.

— Que se foda a contagem decrescente — disse Frank.

— E o gelo?

— Tens razão. O gelo é importante.

A cara de Cleo mudou. Frank riu-se. Ele começou a caminhar para norte, por isso ela não tinha outra escolha senão segui-lo. Ele olhou por cima do ombro para a ver a acelerar o passo para chegar perto de si e abrandou.

— Estás quente o suficiente?

— Oh, sim — disse ela. — Tu estás? Queres o meu *chapeau*?

— O teu quê?

— O meu chapéu. É uma boina, por isso normalmente falo com ele em francês.

— Tu falas francês?

— Só um pouco. Consigo dizer algo do género, *«Chocolat chaud avec chantilly»* e *«C'est cool mais c'est fow».*

— O que é que isso significa?

— «Chocolate quente com chantilly» e «É fixe, mas é uma loucura». Ambas frases surpreendentemente úteis. Portanto, queres?

— Acho que não fui feito para usar uma boina.

— Disparate — disse Cleo. — O mundo é o teu *chapeau*.

— Sabes que mais? — Frank arrancou a boina da cabeça da Cleo e colocou-a sobre si. — Tu estás certa.

— *Magnifique* — disse ela. — *Allez!*

Caminharam para leste em direção a Chinatown. Um grupo de mulheres desfilou à frente deles, todas a usarem chapéus prateados e óculos de sol com o ano 2007 desenhado no topo. Uma soprou uma corneta festiva perto da cabeça de Frank, e o grupo explodiu num *whoops* em deleite. Ele tirou a boina da cabeça.

— Será que não seria festivo da minha parte dizer que odeio o Ano Novo? — perguntou ele.

Cleo encolheu os ombros.

— Eu normalmente só celebro o Ano Novo Lunar.

Frank esperou, mas ela não elaborou.

— Então, qual foi a melhor parte do ano passado para ti? — perguntou ele.

— Só uma coisa?

— Pode ser qualquer coisa.

— Meu Deus, deixa-me pensar. Bem, mudei para um antidepressivo que finalmente me permite atingir novamente o orgasmo. Isso pareceu-me uma vitória.

— Uau. *Okay*. Não estava à espera disso. Isso é uma ótima notícia.

— Tanto clitoriano como penetrativo. — Cleo levantou os dois polegares. — E quanto a ti? Qual foi o teu acontecimento favorito do ano passado?

— Meu Deus, nada que se possa comparar a isso.

— Não tem de ser assim tão pessoal! Desculpa, o meu foi esquisito. Estou envergonhada.

— O teu foi ótimo! Isso é muito importante. Eu só trato da minha miséria à moda antiga, com grandes doses de álcool e de repressão.

— E como é que isso funciona para ti?

Frank imitou os dois polegares para cima dela e continuou a andar.

— De qualquer forma, acho que é realmente impressionante que tu estejas a tomar conta de ti — disse ele.

Outro grupo de foliões atravessou-se entre eles, abafando esta última afirmação. Ele contornou-os para voltar para o lado dela, repetindo-se a si próprio.

— Isso é algo amável de se dizer. Eu só tenho muitas… — Ela acenou vagamente para uma pilha de lixo que estava derramada sobre o passeio ao lado deles. — Coisas na minha família. Tenho de ter cuidado. — Aclarou a garganta. — Adiante. Fala-me do teu ano.

— O melhor momento do ano passado? Provavelmente apenas coisas de trabalho. Ganhei um prémio por um anúncio que dirigi. Isso soube mesmo bem.

— Que maravilha! Que prémio?

— Chama-se Leão de Cannes. É uma coisa muito importante na minha indústria. É uma estupidez, na verdade.

— Não, não é. Eu adoraria ganhar um prémio por alguma coisa.

— E vais ganhar — disse ele com confiança.

Passaram por dois homens, ostensivamente estranhos, a mijar contra uma parede num silêncio confortável. Frank ofereceu a Cleo a sua mão enquanto ela saltava sobre os fluxos gémeos de urina. Ela abanou a cabeça.

— Homens!

A mão dela permaneceu na dele, e depois ela afastou-a para longe, para remexer na sua mala.

— Então — disse ele. — Tens alguém em particular com quem estejas a ter estes orgasmos?

Frank estava a esforçar-se para soar como o «amigo curioso», mas estava preocupado por ter acabado por passar mais pelo «conselheiro de saúde sexual preocupado».

— Tanto clitoriano *como* vaginal? — Provocou Cleo.

Frank aclarou a garganta.

— Sim… esses.

Cleo lançou-lhe um olhar clandestino.

— Apenas eu, neste momento.

A cara dele formou um sorriso involuntário. Ela riu-se.

— Oh, tu gostas desse pensamento, não gostas? E tu? Não é suposto todas as pessoas da tua idade estarem casadas?

— Não, eles mudaram essa lei — disse Frank. — Agora é opcional.

— Graças a Deus — disse Cleo, e acendeu um cigarro.

Percorreram o caminho para norte até Broome Street, passando por montras de lojas que tinham plantas para casa e leituras psíquicas, candelabros e misturadores de cozinha de tamanho industrial. Falaram sobre as resoluções de Ano Novo e o que há de antiquado e quem tinham conhecido na festa (Cleo: uma pessoa; Frank: todas). Falaram sobre o anfitrião da festa, um famoso *chef* peruano chamado Santiago que Frank conhecia há vinte anos. A colega de quarto de Cleo era *hostess* no restaurante de Santiago, e foi por isso que ela tinha sido convidada, embora essa colega de quarto se tivesse ausentado com um artista peruano pouco depois da sua chegada. Falaram sobre Pina Bausch e Kara Walker e Paul Arden e Stevie Nicks e James Baldwin.

— Há uma coleção de ensaios que adoro do curador Hans Ulrich Obrist — disse Cleo. — Chama-se *Sharp Tongues, Loose Lips, Open Eyes*… Não me consigo lembrar do resto.

— Um homem de poucas palavras.

— Já o leste.

— Não, é só que, esse título é… esquece. Eu continuo a querer ler mais — admitiu ele.

Cleo encolheu os ombros.

— Basta comprares um livro e lê-lo.

— Certo. Não tinha pensado nisso.

— De qualquer forma, num dos ensaios ele fala sobre a capacidade de identificar o quanto uma pessoa dá enquanto amante pelo quão curiosa ela é. Tu estás destinado a *contar* na tua cabeça quantas perguntas é que te fazem num minuto. Se te fizerem quatro ou mais perguntas, então gostam de agradar.

— E se não perguntarem nada?

— Então podes assumir que eles não comem cona. Ou então, pila, se essa for a tua bagagem.

— Cona — disse Frank, rapidamente. — É a minha bagagem.

Ela devolveu-lhe outro dos seus olhares divertidos.

— Foi o que imaginei.

— E tu?

— A minha bagagem? Pila. — Ela riu-se, e depois inclinou a cabeça para considerar a sua resposta. — Talvez com uma bagagem de mão de cona. Mas apenas uma bagagem pequena. Como uma daquelas pequenas pochetes que se usa para a ópera.

Frank acenou com a cabeça.

— Uma bolsa noturna de cona.

— Exatamente. Em oposição a uma mala desportiva de pila.

— Uma mala *vintage* de pénis.

— Uma bolsa de pila.

— Uma mochila de tesão.

O rosto de Cleo iluminou-se com um sorriso, e depois ela enterrou-o nas suas mãos como se estivesse a apagar um fósforo.

— Meu Deus, pareço carnívora. Vamos mudar de assunto, por favor.

— Então… — Frank respirou fundo. — O que é que fazes? De onde és? Quando é que te mudaste para Nova Iorque? Tens irmãos e irmãs? Quando é o teu aniversário? Qual é o teu signo? Pedra de Nascimento? Que tamanho calças?

Cleo inspirou fundo enquanto segurava o riso. Frank sorriu.

— Vamos lá, então — disse ele. — De onde és?

— Tu queres mesmo saber isso tudo sobre mim?

— Eu quero saber tudo sobre ti — disse ele, e ficou surpreendido por descobrir que estava a falar a sério.

Cleo disse-lhe que se tinha mudado quando era muito pequena, mas que a família acabou por se instalar no sul de Londres. Os seus pais separaram-se quando ela era adolescente, e o pai, um engenheiro afável, mas distante, voltou a casar rapidamente e adotou o filho da sua nova esposa. A mãe morreu no seu último ano da universidade na Central Saint Martins. Ela ainda não tinha encontrado a maneira certa para falar sobre isso. Não tinha família próxima, o que também a deixou livre, acrescentou ela rapidamente, completamente livre.

Sem nada que a prendesse a Londres, e com uma pequena herança da mãe que deu para pagar um voo e dois anos de renda barata, tinha pedido uma bolsa de estudo para estudar pintura num programa de pós-graduação em Nova Iorque. Chegou quando tinha vinte e um anos de idade. Para ela, esse MFA[2] significava dois anos numa órbita suave da sua cama para uma tela, para bares, para camas de outras pessoas, e de volta para uma tela. Tinha-se formado na primavera anterior e desde então estava a trabalhar como *freelancer* de *design* têxtil para uma marca de moda. O salário não era alto, e eles não proporcionavam benefícios, mas dava-lhe dinheiro suficiente e tempo livre para alugar um quarto de tamanho considerável em East Village, que também usava como estúdio de pintura. O que a preocupava agora era que o seu visto de estudante estava para acabar no início do verão, e não tinha nenhum plano para o que iria fazer a seguir.

— Tu pintas todos os dias? — perguntou Frank.

— Perguntam-me sempre isso. Tento fazê-lo. Mas é difícil.

— Porquê?

[2] MFA significa Mestrado em Arte (*N. da. R.*).

— Às vezes, o processo é como… Está bem, sabes quando estás a arrumar um guarda-fatos…

— Isso é um armário?

— Sim, seu americano, um armário. Primeiro, tens de tirar tudo o que está lá dentro, e há um momento em que estás a olhar à tua volta e está tudo uma confusão total. E tu sentes que, *merda*, porque é que comecei isto? Está pior do que antes de eu ter começado. E depois, lentamente, pedaço a pedaço, guardas tudo. Mas antes de poderes criar uma ordem, tens de causar a desordem.

— Estou a seguir o raciocínio.

— É assim que a pintura é para mim. Inevitavelmente, há um momento em que eu tiro tudo de mim, e fica apenas… o caos na tela. Sinto que nunca deveria ter começado. Mas depois continuo, e, de alguma forma, as coisas encontram a sua ordem. Eu sei quando termino porque sinto… Eu sinto este *click* que significa que tudo está no seu lugar. Está tudo onde deveria estar. Paz total.

— Quanto tempo é que isso dura?

— Talvez sete-ponto-cinco segundos. E depois começo a pensar na próxima peça.

— Parece cansativo — disse Frank.

— Mas esses sete-ponto-cinco segundos são…

Ela olhou dramaticamente para o céu. Frank esperou.

— Como tu dirias, eles desarmam-me — disse ela.

Passaram por um homem de fato e cachecol verde de penas, encostado sobre uma boca-de-incêndio.

— Acho que os cachecóis de penas deveriam voltar — disse Cleo.

— Eu acho que tu és uma pessoa excecional — disse Frank.

— Tu não me conheces suficientemente bem para dizer isso — disse Cleo, claramente encantada.

— Eu sou um bom juiz destas coisas.

— Então vou ter de acreditar na tua palavra.

Estavam em Little Italy, onde as ruas estavam aparentemente alinhadas com restaurantes italianos idênticos com toalhas de mesa vermelhas e tigelas de plástico com massa presas nas janelas. Acima das suas cabeças, cordas de lâmpadas vermelhas, brancas e verdes deixavam

cair drágeas de luz na rua abaixo. Numa janela de um apartamento no terceiro andar, um grupo de pessoas estava a fumar à janela, com os seus corpos alinhados contra a luz amarela da sala atrás deles. «Feliz Ano Novo!» gritaram a ninguém em particular. Cleo e Frank passaram por um restaurante de piza tranquilo, na esquina, onde um homem solitário estava a empilhar cadeiras de plástico para a noite.

— Queres comer uma fatia? — perguntou Frank.

Cleo dedilhou as extremidades da sua mala.

— Não tenho dinheiro.

— Eu compro-te qualquer coisa — disse ele.

— Larga o *qualquer coisa* — disse ela levemente. — E talvez te dê atenção.

— Achas que estou a tentar comprar-te?

— Não é isso que todos os homens estão a fazer, lá no fundo?

— Tu acreditas mesmo nisso?

— Eu não *não* acredito nisso.

— Isso é totalmente injusto.

— Está bem, diz-me por que estou errada.

Virou-se para a enfrentar e inspirou lentamente. Ele apenas queria comer uma fatia.

— Penso que os homens são ensinados a comprar coisas para as mulheres, sim. Não porque queremos ser os donos delas ou controlá-las, mas porque é uma forma de mostrar que estamos interessados ou que nos preocupamos sem que seja necessário demonstrar muita, sei lá, vulnerabilidade. Não somos ensinados a comunicar da mesma forma que vocês. São-nos dadas estas ferramentas muito limitadas e primitivas para nos expressarmos, e, sim, comprar a merda de uma refeição é uma delas. Mas as mulheres também esperam isso de nós…

Cleo estava a saltar em excitação para o interromper, mas ele levantou a mão, determinado a terminar.

— Dá para os dois lados. Tu dizes que estou a tentar comprar-te, mas ficarias ofendida se eu não me oferecesse para pagar.

— Não ficaria! — ela explodiu. — E a única razão pela qual te vou deixar pagar é porque, por acaso, neste momento, estou triplamente falida.

— Então agora sou *eu* a pagar? Vês, é a isso que eu chamo uma treta. Tu queres isso de ambas as maneiras. Queres ser tão consistente e superior a tudo, mas, assim que isso se torna inconveniente para ti, ficas bem com o facto de ser o homem a pagar a conta.

— Estás a brincar comigo? Talvez eu esteja falida por causa, não sei, da diferença salarial entre os sexos, ou de anos de sexismo sistémico que limita as minhas oportunidades de emprego, ou pelo facto de ter tido de deixar o meu último emprego como ama porque o pai não parava de se atirar a mim, ou…

Agora era a vez de Frank saltar.

— Não é por isso que estás falida! Tu estás falida porque tens vinte e quatro anos e és uma artista que trabalha a tempo parcial! Não podes pôr a culpa de todos os teus problemas no facto de seres mulher!

Cleo aproximou a cara da de Frank e falou tão calmamente que as suas palavras não passavam de um sussurro. Ele tinha a esperança insana de que ela estivesse prestes a beijá-lo.

— Sim, posso — disse ela.

Frank virou-se e caminhou para a pizaria.

— Tu és fixe — disse ele por cima do ombro. — Mas és louca.

— Soa melhor em francês! — gritou ela de volta.

Cleo acendeu outro cigarro e bateu com os pés contra o passeio como um cavalo de corrida inquieto. Pensou em ir-se embora só para o irritar, mas sabia que iria arrepender-se imediatamente. Não havia nada a fazer a não ser ficar de pé e fumar. Frank pediu duas fatias de piza, olhando ansiosamente por cima do ombro para ter a certeza de que ela ainda estava lá fora. Já tinha decidido que, se ela se fosse embora, iria correr atrás dela e pedir desculpa. Mas a parte de trás da cabeça loira dela ainda estava à vista, agora rodeada por uma nuvem de fumo.

Quando voltou, deu-lhe uma fatia. Uma corrente de óleo correu sobre o frágil suporte de papel.

— Aqui tens — disse ele. — Para compensar os anos de sexismo sistémico.

— Punheteiro — disse Cleo, e deu uma dentada.

— Agora estás na América — disse Frank. — Aqui, eu sou apenas um parvalhão.

Caminharam com as suas fatias pela Elizabeth Street. À sua frente, um casal estava do lado de fora de um bar numa piscina de candeeiros, executando um drama intemporal a duas pessoas. A mulher agarrava os sapatos contra o peito e chorava com gemidos altos e longos enquanto o namorado lhe abanava os ombros, repetindo: «Tiffany, ouve; Tiffany, ouve; Tiffany, ouve; Tiffany…»

— Detesto dizer isto — sussurrou Frank enquanto eles passavam. — Mas penso que a Tiffany não está a ouvir.

Cleo voltou-se para trás para olhar para eles.

— Achas que eles estão bem?

— Eles vão ficar bem. A noite de Ano Novo é a melhor noite para as discussões de casais. É como fogo-de-artifício e lutas. Os dois pilares de um bom Ano Novo.

— Acabámos de ter a nossa primeira discussão? — perguntou Cleo.

Frank entregou-lhe um guardanapo.

— Não sei — disse ele. — Tu mantiveste os sapatos calçados.

Cleo gargalhou.

— Seria preciso muito mais do que isso para me tirar das minhas botas de *cowboy*. — Ela amassou o guardanapo e atirou-o de forma habilidosa para um caixote do lixo na esquina. — Discutir pode ser uma coisa boa, de qualquer maneira. Olha para a Frida Kahlo e o Diego Rivera. Eles divorciaram-se, voltaram a juntar-se, separaram-se novamente…

— Mas alguma vez pensaste que eles criaram a sua arte *apesar* da discussão, e não *por causa* dela?

— Quem se importa com isso? — disse Cleo, entre bocados de massa. — A questão é: eles conseguiram.

Frank acenou com a cabeça vagamente. Tirou-lhe o prato de papel e dobrou-o num quadrado juntamente com o seu. Esperava, que brevemente, passassem num lugar onde pudesse reciclar aquilo.

— Estou mortinha por ir à casa deles na Cidade do México — disse Cleo.

— Está cheia de filas de turistas — disse Frank. — E de sinais «Não Toque» em todas as superfícies.

— Que chatice — Cleo parecia desanimada.

— Mas ainda vale a pena ver — acrescentou Frank rapidamente. — Há uma coleção de borboletas emolduradas pendurada por cima da cama da Kahlo, sobre a qual a Patti Smith escreveu um poema quando a visitou. E todas as suas roupas, é claro. Ela tinha um estilo incrível, como tu.

Cleo sorriu alegremente perante o elogio.

— Adoraria ver essas.

— Vamos na próxima semana — disse Frank. — A cidade inteira está cheia de arte. É o lugar perfeito para ti.

— Na próxima semana? Assim, sem mais nem menos?

— Claro. Porque não? Fechei o escritório, e tenho centenas de milhas aéreas que preciso de usar.

— Está bem — ela riu-se. — Combinado. — Sacudiu o cabelo. — Vamos à maldita Cidade do México!

Frank, que tinha planeado trabalhar toda a semana seguinte num escritório vazio, nunca tinha sido um grande viajante espontâneo, mas gostava da ideia de que podia ser. Tinha os meios, mas não o incentivo. E aqui estava Cleo com o oposto. Viraram-se um para o outro ao mesmo tempo. Ele hesitou, depois puxou-a para um abraço. O cabelo dela cheirava a sabão, amêndoas e cigarros. O peito dele cheirava a lã húmida e a uma colónia cara que ela reconheceu, tabaco adocicado com baunilha.

— E não estou a tentar comprar-te — acrescentou ele, libertando-a. — Só gostava de ver isso contigo.

— Eu sei — disse ela. — Também gostava de ver isso contigo.

Atravessaram o Bowery e vaguearam por East Village, onde a alegria na rua assumiu um ar subtil de agressão. As pessoas gritavam fora dos bares e andavam para dentro e para fora das portas. Mais casais discutiam nas esquinas das ruas. Na entrada do parque, um grupo de *punks* de crista, vestidos com equipamento militar gasto e casacos de cabedal cravejados, acenou gentilmente com faíscas por cima das cabeças. Um *pitbull* vestido com um lenço com o símbolo da anarquia olhou para cima das suas patas para ver as faíscas caírem num silêncio maravilhoso.

Chegaram a um passeio em St. Mark's. O vidro fumado da porta da frente foi rabiscado com *graffiti* incompreensível. Frank perguntou-se,

não pela primeira vez, que impressão é que estes grafiteiros pensavam que estavam a deixar. Cleo virou-se para ele, novamente tímida.

— Queres sentar-te no meu átrio comigo?

— Porquê no teu átrio?

Cleo escondeu a cara nas mãos.

— É mais agradável do que o meu apartamento. — disse ela, por entre os dedos.

Deslizou as chaves para dentro da porta e acenou-lhe para entrar. Frank não sentiu que fosse de bom tom realçar que o átrio dela era apenas uma escadaria. Cleo sentou-se nos degraus de linóleo arranhado e acendeu um cigarro.

— Tu fumas aqui dentro?

Ela encolheu os ombros.

— Todos fumam.

Viu-a a inalar correntes gémeas de fumo pelas narinas.

— Não posso acreditar que não reparei em ti em casa do Santiago — disse ele.

— Cheguei tarde. Eu… é estúpido, mas eu não conseguia decidir o que vestir. É um género de ansiedade social, penso eu. Se estou nervosa por ir a algum lado, mudo de roupa umas cem vezes. Começa a ficar mais tarde e mais tarde, o que, claro, só me deixa mais ansiosa. Normalmente, acabo por hiperventilar sobre uma pilha de roupa no chão. Parece algo absurdo, mas, na verdade, é bastante terrível.

Frank acenou com a cabeça em compreensão.

— Então o que é que acabaste por vestir?

— Hoje à noite? Oh, só esta coisa que eu fiz.

— Posso ver?

Cleo levantou uma sobrancelha. Pressionou o cigarro entre os lábios e ficou de pé para desabotoar os botões de madeira do seu casaco de pele de ovelha. O que ela estava a usar não era tanto um vestido, mas uma rede feita de fios de ouro cintilantes. Era suficientemente justo para dar apenas uma sugestão do corpo dentro dele. Ele conseguia ver muito bem por baixo da malha brilhante o contorno dos seus mamilos e do seu umbigo. Ela era como um peixe liso e ágil apanhado numa rede brilhante.

— Deixa-me subir — disse ele.

— Não — disse ela, de novo sentada. — As minhas companheiras de casa podem estar lá. E… — inalou o fumo com seriedade — vamos fazer sexo.

— E o que há de errado com isso?

— Vou-me embora dentro de alguns meses.

— Acho que podemos acabar antes disso.

Cleo reprimiu um sorriso.

— Eu só não me quero apegar — disse ela.

Olhou para baixo entre os joelhos. Frank agachou-se à sua frente.

— Receio que seja tarde de mais para isso.

— Achas?

— Apeguei-me no momento em que te ouvi dizer *aluminum*.

Cleo olhou para ele por baixo das suas pálpebras aladas.

— *Al-um-in-ium* — disse ela suavemente.

Frank agarrou-se ao seu coração.

— Vês? Estou lixado.

— Não, *eu* estou lixada — disse ela. — Eu é que tenho de ir embora.

— Onde é que vais?

— Não sei. Ouvi dizer que Bali é bom.

Não se sentiu tão descontraída com isto como pareceu.

— Não voltas para casa, para Inglaterra?

— Inglaterra não é a minha casa.

Cleo pôs o cigarro no chão da escada metálica. Ele sentiu que havia mais do que aquilo que ela estava a contar, mas não se intrometeu. Ela verificou o relógio para evitar mais interrogatórios.

— Já passa da meia-noite!

— Isto não está certo — disse Frank.

— A sério — disse ela. — Temos estado a falar há…

— Não, quero dizer, isto. A véspera de Ano Novo não é suposto ser assim tão boa.

— É suposto ser má?

— É suposto ser boa. Sabes? Só boa. Nunca, em nenhuma vez na minha vida, excedeu as minhas expectativas.

— Sabes, na Dinamarca eles saltam de uma cadeira, o que significa saltar para o novo ano.

— Tu és escandinava?

— Porquê? Porque sou loira? — Cleo revirou os olhos. — Não, Frank. Eu apenas sei algumas coisas.

— Concordo — Frank levantou-se e limpou as pernas das calças de uma forma teatral. — Está bem, vamos a isso.

— Saltar? Mas nós não temos nenhuma cadeira.

— Uma escada é tão boa quanto uma cadeira.

Cleo olhou para a escadaria atrás deles.

— Mas vamos até ao topo da escadaria — disse ela. — Começar o ano com um estrondo.

Subiram até ao primeiro andar. Teriam de saltar cerca de dez degraus para aterrar no piso inferior. Era o tipo de jogo de crianças que se atreviam a subir cada vez mais alto. Ele pegou-lhe na mão. Ela apertou-a de volta. Ambos saltaram.